



REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS

HISTÓRIA GERAL DAS GUERRAS ANGOLANAS

POR

ANTÓNIO DE OLIVEIRA DE CADORNEGA

Capitão reformado e cidadão de S. Paulo da Assunção, natural de Vila Viçosa

1681

Revisto e anotado

POR

MANUEL ALVES DA CUNHA

TOMO III

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA
AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS

1 9 4 2

DESCREVEM-SE OS ANIMAES FEROSZES QUE
TEM ESTES REINOS, DE SUAS NATUREZAS E
PRESTIMOS QUE EM SI ENCERRAO (²²⁸).

Têm estes reinos de Angola *lioens*, *tigres* e *onças* (²²⁹); há *lioens* de casta real com gadelha na cabeça e maçaroca na cola como os de Africa, de que o Autor vio alguns neste reino e no de Portugal também, principalmente em a Corte e sempre real e leal Villa Viçozza em o Paço do Serenissimo Duque de Bragança, vindo ali hum de Africa de casta real, ainda novel, mandado de presente ao nosso Principe, o qual andava por aquella populoza e nobre villa em cadeas prezo; o qual foi crescendo e fazendo das suas, com que se mandou recolher a huma grande gayola de madeira chapeada toda de ferro; e fez-se tão feroz, que se temeo arrombasse a prizão, e sahido fora fizesse muito damno; com que mandou o Excellentissimo Senhor fazerlhe hum espaçozo

(²²⁸) O Autor trata neste capítulo não só de animais ferozes propriamente ditos, mas também de muitos outros e de muitas e abundantes aves, espécies diversas da fauna terrestre angolense, rica e variada. Indica-se a classificação zoológica, excepto de alguns por não se saber ao certo a que correspondem na linguagem corrente de hoje, segundo a linguagem empregada pelo Autor.

Muitos animais já os enumerou na primeira e segunda parte, como várias espécies da fauna fluvial, e da fauna maritima, que é das mais ricas da costa africana.

(²²⁹) Fazemos já esta constatação preliminar. Verifica-se que a confusão e os erros de nomenclatura existentes no texto de Cadornega ainda hoje prevalecem. Nem o *tigre* nem a *onça* existem em Angola, nem sequer em África. São naturais da Ásia.

Os carnívoros existentes e que, pela descrição, são os mesmos que

pateo ou leoneira de mui altas paredes, com porta e janellas de fortes grades, com huma talanqueira corrida por diante pella banda de fora, porque não tivesse lugar de botar a garra, e lhe não chegasse ninguem vendoo de fora; tendo huma caza forte por de traz com seu alçapão ou rastilho, em que o recolhião todas as noites com seu cano para huma pia da banda de dentro onde bebia, e huma grade pequena forte, por onde lhe botava o comer de carne fresca de rez, que se lhe matava todos os dias para seu sustento; o qual pateo e caza forte se lhe fabricou onde chamão o Reguengo entre os jardins, descuberta a fronteira para as janellas e gallarias do Pallacio que para ali olhão.

A hum homem que lhe dava de comer lhe lançou hum

havia quando Cadornega escreveu a sua obra, em fins do século XVII, são :

FELIDEOS

LEÃO (*Felis leo*).

LEÃO DA ANHARA, CANHAR, ind. (*Acinonyx jubatus*).

LEOPARDO (*Felis pardus*). Erradamente conhecido por ONÇA.

LINCE AFRICANO (*Caracal caracal*).

GATO BRAVO, grande (*Felis serval*).

GATO BRAVO, pequeno (*Felis cafra*).

CANIDEOS

RAPOSA (*Thos adustus*). Provavelmente cauda com longos pelos.

CHACAL (*Thos mesomelas*).

MABECO (*Lycan pictus*).

HIENÍDEOS

HIENA (*Hyaena brunnea*), castanha { as QUITMALANCAS das an-
HIENA (*Crocuta crocuta*), malhada { tigas lendas angolanas.

Não está comprovada a existência da primeira HIENA, mas é citada por Statham.

tos animaes são as verdadeiras para se fazerem dellas couras que chamão de anta por terem o couro muito grosso e serem grandes, condizendo com a grandura dos animaes donde as tirão.

Das *abadas* que *unicorne* ⁽²⁵³⁾ se podem chamar há muitas, principalmente em o nosso reino de Benguella e suas provincias, de onde vêm aquellas estimadas pontas, assim para ornato e grandeza dos escriptorios, como pella virtude que em si encerrão de serem algumas dellas fina contra-peçonha; e he o Autor desta historia boa testemunha por ver fazer a experiencia e prova disso; e foi que vindo a esta cidade de São Paulo da Assumpção Frey Manoel de Macedo, Religiozo Dominico, sугейто conhecido de todos por gram pulpito, que o havia visto o Autor desta historia ser preferido a muitos de seu officio, sendo chamado para pregar no outavario das exequias do serenissimo senhor Duque Dom Theodozio, segundo do nome, avô do poderozissimo Principe Dom Pedro nosso Senhor, naquella Corte

visto termos algumas dúvidas e não haver PACASSAS desta côr. É possível que a palavra seja «pretas», e até que este período esteja deslocado e devesse seguir-se à descrição da PALANCA, atrás feita pelo Autor. Em todo o caso a leitura desta palavra é duvidosa.

⁽²⁵²⁾ A denominação ABADA caiu em desuso; era o mesmo que o RINOCERONTE. Deste paquiderme existe em Angola a espécie RINOCERONTE PRETO (*Diceros bicornis*), com dois cornos. Habita, no Sul, as regiões da Mupa (Baixo Cunene), e serra abaixo, desde o Caine de ao Cunene.

Devia ser esta mesma a procedência da ABADA a que se refere o Autor, vinda destas terras meridionais que então se incluíam no chamado Reino de Benguela e hoje pertencem ao distrito da Huila.

Dá-se por vezes como existente também, em muito pequena quantidade, na região da Mupa, a espécie RINOCERONTE BRANCO (*Ceratotherium sinum*), mas não está comprovada cientificamente a sua existência em Angola.

de Villa Viçosa, este tão douto sugeito veyo pagar o tributo á morte, em esta dita cidade; sendo já velho, vindo da India para o nosso Reino de Portugal, teve seu tranzito assistido dos Capuchinos Italianos e Missonarios Apostolicos, accompanhados delles até os ultimos boceços ⁽²⁵⁴⁾; a hum dos religiosos, que era o seu nome Frey Chrysostomo de Genova, Prefeito que foi ao despois destas Missoens, deo huma ponta de *unicorne* da India, que elle trazia em grande estima, e fazendo a experiencia de sua bondade, estando presentes alguns seculares portuguezes que lho mettillarão, dezembaynhou hum delles sua espada e, tomandoa pellos terços nas pontas dos dedos, chegando com a dita ponta á folha não deo humor de si, e chegando com outra ponta de *abada* do seu tamanho a fez retrocer e revirando a folha com a guarnição e tudo; com o que se vio palpavelmente com esta experiencia ter mais força e virtude a de *abada* destes reinos, do que a de *unicorne* da India; as pequenas são melhores e mais finas.

Há outro animal a que chamão *sefo* ⁽²⁵⁵⁾ que dizem he couza para ver-se sua grandeza e pareença, há desta casta poucos; ao perto vio o Autor desta obra a cabeça de hum, e por ella se podia julgar o que seria o mais, tendo a armação de mais de vara ambas, quazi direitas acima, com boa e vistoza proporção com nós, como a da *empalanca*; o atirador ou caçador que o vio vivo quando o matou engrandecia muito sua bizzarria, se assim se pode chamar a

⁽²⁵⁴⁾ Boceços — bocejos.

⁽²⁵⁵⁾ O CÊFO (*Taurotragus oryx*) também é chamado GUNGA. É abundante no Sul; raros exemplares no Centro e Norte da Colónia.

A ZEBRA (*Equus zebra* e outras espécies) já o Autor atrás se referiu quando tratou dos animais do chamado Reino de Benguela; a pele classificou-a como muito vistosa e apreciada no seu tempo. Abunda no Sul, aparecendo já para Sul do rio Cuanza.



REPRODUÇÃO DO FÓLIO A DO MS. DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PARIS
(F. PORTUG. 4)